Processos inconscientes em relação à crise ambiental[1]

Harold Searles[2]

Para além da ameaça de uma guerra nuclear, creio que a crise ecológica seja a maior ameaça que a humanidade já enfrentou coletivamente. A enxurrada de artigos e livros que chamam nossa atenção para vários aspectos dessa crise provém de ecologistas, biólogos populacionais, físicos, químicos, agrônomos, economistas, arquitetos, engenheiros, urbanistas, estadistas, historiadores e, principalmente, leigos preocupados, alguns dos quais oferecem valiosas perspectivas sobre os componentes psíquicos do problema. Mas raramente se escutam manifestações de um cientista comportamental e, até onde sei, muito poucos artigos psiquiátricos foram publicados sobre esse assunto, com apenas uma contribuição de um psicanalista, Peter A. Martin (1970), de Detroit, que o abordou breve e incidentalmente em uma palestra a que assisti em abril de 1969. Essa crise ambiental abrange e, com intensidade crescente, ameaça todo o nosso planeta. Se pretendemos enfrentar um problema tão colossal, certamente serão necessários os esforços de cientistas de todas as disciplinas claramente relevantes. Parece-me que nós, psicanalistas, com nosso interesse nos processos inconscientes que influenciam tão poderosamente o comportamento humano, deveríamos oferecer aos nossos semelhantes alguma contribuição nessa luta comum.

1 "Unconscious processes in relation to the environmental crisis", artigo original publicado em *Psychoanalytic Review, 59*(3), 361-374, 1972, editada pela National Psychological Association for Psychoanalysis (NPAP).

2 Harold Frederic Searles (1918-2015). Psicanalista norte-americano, suas contribuições à compreensão psicanalítica das psicoses e da relação analítica permanecem relevantes para a clínica contemporânea.

Minha hipótese é que os seres humanos[3] são impedidos de enfrentar essa crise ambiental em virtude de uma apatia severa e generalizada, baseada em grande parte em sentimentos e atitudes dos quais não têm consciência. A escassez de literatura analítica sobre esse assunto sugere que nós, analistas, estamos sob o domínio dessa mesma apatia. Mas um segundo fator, um risco especial sentido em nossa profissão, tende a nos inibir de oferecer as contribuições especiais que poderíamos oferecer: tememos que uma preocupação ativa a respeito deste assunto suscite, por parte de nossos colegas, nada mais do que um interesse diagnóstico em saber se padecemos de depressão psicótica ou esquizofrenia paranoide.

Como evidência da apatia geral que postulo, nosso orçamento federal para 1971 destina ao enfrentamento da poluição ambiental apenas cerca de um septuagésimo do que destina a fins militares (Cotton, 1970, p. 112). Não pretendo falar levianamente de nossas necessidades militares, mas parece-me evidente que uma cidadania ativamente engajada com o estado de nossa ecologia e da ecologia mundial não aceitaria um esforço tão débil nessa área.

Dentre a enorme quantidade de estatísticas que dizem respeito à crise ambiental, aqui estão alguns dados que considero impressionantes. Estamos despejando no oceano cerca de meio milhão de poluentes diversos, dos quais apenas alguns foram estudados quanto a seus possíveis efeitos sobre processos ecologicamente vitais (Ehrlich, 1968, p. 56). Há uma crescente preocupação de que, em poucas décadas, o oceano se torne incapaz de sustentar a vida, como já acontece com muitos de nossos grandes rios, vários de nossos Grandes Lagos e o Mar Báltico (Marx, 1967). O pesticida DDT, para citar apenas um poluente, foi encontrado até mesmo nos corpos de esquimós do Ártico e nos pinguins e focas da Antártida (Ehrlich, 1968, pp. 52-53). Em menos de duas décadas após sua introdução, "os pesticidas sintéticos foram tão amplamente disseminados por todo o mundo animado e inanimado que ocorrem

3 N. T. No original, o autor usou "the man" – "o homem". Considerando o tema do artigo e as posições de seu autor, substituí a palavra pelas expressões "os seres humanos" ou "a espécie", atualmente usadas em lugar da primeira. Elas refletem maior inclusão, precisão (refere-se a todos os indivíduos, independentemente de gênero) e a eliminação do sexismo estrutural do idioma português.

em praticamente todos os lugares" (Carson, 1962, p. 24). Setenta por cento ou mais da produção total de oxigênio do nosso planeta por fotossíntese ocorre no oceano; isso é devido em grande parte às diatomáceas; estudos recentes demonstraram que o DDT, que permeia tudo no oceano, impede a produção de oxigênio pelas diatomáceas (Ehrlich, 1968, pp. 56-57; Wurster, 1968, pp. 1474-1475).

Quanto aos resíduos radioativos dos reatores atômicos, já somos herdeiros de cerca de 80 milhões de galões,[4] armazenados em parques de tanques. Esses tanques precisarão ser protegidos por 600 a 1000 anos. Vários tanques de armazenamento já vazaram milhares de galões no solo, e um único galão é suficiente para contaminar o abastecimento de água de uma cidade (Cotton, 1970). David Lilienthal, o primeiro presidente da Comissão de Energia Atômica, afirmou: "Outrora uma grande esperança compartilhada por toda a humanidade, inclusive por mim, a proliferação desenfreada de usinas nucleares tornou-se uma das nuvens mais terríveis pairando sobre a América" (Curtis & Hogan, 1970).

A superpopulação acelerada da Terra é um fator de importância transcendental. Estima-se que em 6000 a.C.[5] havia 5 milhões de pessoas na Terra e que foram necessários cerca de 1 milhão de anos para que a população mundial dobrasse de 2,5 para 5 milhões. A partir daí, a duplicação ocorreu aproximadamente a cada mil anos, atingindo um total de 500 milhões (ou seja, meio bilhão) por volta de 1650. Em seguida, a população dobrou em apenas 200 anos, chegando a um bilhão em 1850. A duplicação seguinte levou apenas 80 anos, atingindo 2 bilhões em 1930. O tempo de duplicação atual é de cerca de 37 anos. Se o crescimento populacional prosseguir ao ritmo atual – o que obviamente não pode acontecer – por mais 900 anos, haveria então cerca de 100 pessoas por jarda[6] quadrada da superfície da Terra, terra e mar (Ehrlich, 1968, p. 18).

A fome, especialmente nos países subdesenvolvidos com suas taxas de crescimento mais elevadas, é uma das "soluções" para essa

4 N. T. 1 galão equivale a 3,78541 L.

5 N. T. Provavelmente, há um erro de digitação no texto original de Searles. Pelo livro de Ehrlich, o correto é 8000 a.C.

6 N. T. 1 jarda equivale a 0,9144 m.

situação claramente impossível. O biólogo populacional Ehrlich observa que mais da metade do mundo vive em miséria atualmente (Ehrlich, 1968, p. 27) e que cerca de 5 milhões de crianças indianas, por exemplo, morrem a cada ano de desnutrição (Ehrlich, 1968, p. 198). Ele está convencido de que, nesta década, centenas de milhões de pessoas morrerão de fome, apesar de quaisquer programas emergenciais implementados até agora (Ehrlich, 1968, prólogo).

Os Estados Unidos, com menos de 15% da população mundial, utilizam bem mais da metade de todas as matérias-primas consumidas anualmente e, se as tendências atuais continuarem, em 20 anos seremos muito menos que 15% da população, mas poderemos chegar a utilizar cerca de 80% dos recursos consumidos (Ehrlich, 1968, p. 133). Por outro lado, foi apontado que se o atual nível de industrialização americana fosse estendido ao resto do mundo, o consequente aumento da poluição ambiental provocaria outra Era Glacial, pois o aumento massivo de fumaça e poeira no ar diminuiria a luz solar e produziria uma queda significativa na temperatura da Terra;[7] um perigo ainda maior seria o esgotamento do suprimento mundial de oxigênio causado pelo aumento da contaminação química dos oceanos (Cousins, 1970).

O atual estado de deterioração ecológica do mundo evoca em nós ansiedades amplamente inconscientes de diferentes tipos, que são em parte características de vários níveis do desenvolvimento do ego de um indivíduo. Assim, a apatia geral que postulo baseia-se em defesas do ego, em grande parte inconscientes, contra essas ansiedades. Falarei dessas defesas do ego relacionadas a níveis de desenvolvimento: (a) fálico e edípico; (b) da etapa anterior, que coincide, em termos kleinianos, com a posição depressiva; e (c) da etapa ainda anterior que coincide com a posição paranoica (Klein et al., 1955).

7 N. T. Tais previsões não se cumpriram, como sabemos. Em parte, devido a leis bem-sucedidas, implementadas em diversos países, que buscaram reduzir a poluição atmosférica, mas também porque os modelos climáticos se tornaram mais refinados e capazes, com o avanço da ciência da computação, de lidar com maior número e complexidade de dados. Além disso, já à época de Searles a maioria dos cientistas previa que a temperatura iria se elevar, mas a ideia de uma nova "Era Glacial" teve forte apelo na mídia.

Níveis fálico e edípico

Em primeiro lugar, é evidente o espírito moralista com que a maioria das comunicações sobre este assunto é transmitida; o orador ou escritor nos fala a partir de uma posição moralmente superior e, portanto, segura – projetando sobre nós sua própria culpa edípica –, que violamos a mãe terra e agora somos devidamente estrangulados ou envenenados por nosso pecado, como que por um Jeová vingativo. Em segundo lugar, somos levados a sentir que os ecologistas nos convocam a renunciar à nossa primazia genital arduamente conquistada, simbolizada por nosso automóvel, tão estimado, mas ecologicamente ofensivo, a retornar a um estado infantil, no qual o domínio genital era algo ansiado, mas ainda não alcançado; nossa apatia inclui uma recusa desafiadora inconsciente de fazer isso.

Em terceiro lugar, nosso medo, inveja e ódio de rivais edipianos formidáveis nos levam a encarar com grande apatia o fato de esses rivais estarem sendo poluídos até a extinção. Esse estado defensivo é sustentado pela natureza um tanto imperceptível da poluição atmosférica; sendo relativamente indetectável em nosso redor, ela se torna horrivelmente cristalina à distância – como o que se vê de um avião que sobe – como algo que ataca e envolve todos eles – os outros, com exceção de nós mesmos e incluindo, é claro, os rivais edipianos. Freud (1923), ao que me parece, nos fez compreender que a luta edípica, no desenvolvimento normal, tem um desfecho inatamente interditado: após muita raiva e angústia interior, o jovem ou a jovem deve finalmente chegar à conclusão de que cada um dos pais pertence sexualmente ao outro. Creio que Freud subestimou em grande parte o quão formidável o filho ou a filha permanece como rival edipiano para ambos os pais e com que frequência é o jovem competidor que se torna, em essência, o vitorioso em intensidade de apego emocional no embate edípico. Assim, creio que uma das grandes razões para a relativa apatia dos pais em relação às condições que ameaçam extinguir seus filhos – sejam essas condições a guerra do Vietnã ou o crescente estado de poluição ambiental – é o fato de que elas prometem extinguir um rival edipiano que nunca foi definitivamente conquistado. Nosso ódio inconsciente pelas gerações

futuras, por nossa descendência e, por sua vez, pela descendência delas, nossa determinação vingativa em destruir seu direito nato por meio da negligência, em represália pelas privações que sofremos nas mãos de nossos pais em qualquer fase de desenvolvimento, inclui e se estende para além do conflito edípico.

Nossa inveja do rival mais favorecido encontra satisfação vicária no simples efeito nivelador da poluição ambiental universal. O pobre pode ter a sombria satisfação de saber que essa poluição, para a qual ele contribui, ameaça não só a si mesmo, mas também o rico. Da mesma forma, a maioria dos povos da Terra que vivem em países subdesenvolvidos pode ver que os invejados países tecnologicamente desenvolvidos estão provocando sua própria ruína, como parte da decadência geral.

Entre os muitos significados inconscientes que a poluição ambiental tem para nós, creio eu, estão a externalização e reificação da culpa sexual, culpa que, por meio dessas transformações, torna-se mais tolerável. O dicionário psiquiátrico define polução[8] apenas como: "A descarga de sêmen e fluido seminal na ausência de relação sexual; o termo é frequentemente usado como sinônimo de emissão noturna." (Hinsie & Campbell, 1970). Suponho que os aspectos mais arcaicos e fanáticos de nosso superego, ao modo de um Jeová, nos aterrorizam a ponto de nos tornarem incapazes de distinguir entre o envelhecimento imperceptível e inexorável do nosso corpo, por um lado, e, por outro, a poluição cada vez mais difusa do ideal de ego moralmente puro de nossa juventude ao longo dos anos de nossa vida adulta e envelhecimento. Essa chamada poluição moral é projetada, sugiro, sobre o ambiente, de modo que sentimos que o ar e a água puras, entre outros aspectos de nossa infância, estão agora perdidos para sempre. Analogamente, tenho a impressão de que as conhecidas imagens das nuvens em forma de cogumelo das primeiras bombas atômicas podem evocar em nós uma apatia quase fisiológica, necessária para que nos submetamos aos surtos de crescimento físico – como em Alice no País das Maravilhas – que não podemos deter enquanto somos transformados fisicamente, com uma

8 N. T. em inglês, a mesma palavra ("pollution") designa "poluição" e "polução".

súbita e explosiva sensação, de crianças em adultos. Se essas suposições forem válidas, é de grande importância que nos conscientizemos dessas diferenciações. A poluição ambiental é um problema real na realidade concreta, sobre o qual não somos, de forma alguma, impotentes.

A posição depressiva

A humanidade está reagindo coletivamente ao perigo real e urgente da poluição ambiental de forma muito semelhante à de um paciente psicótico deprimido, inclinado ao suicídio por negligência pessoal – o paciente que, alheio a qualquer fome física urgente, se deixa morrer de inanição ou caminha despreocupadamente em meio ao tráfego intenso de carros em uma rua movimentada. Certo dia, enquanto dirigia no anel viário de Washington, observando o costume geral de viajar alguns quilômetros acima do limite de velocidade, subitamente me dei conta de que, em essência, eu estava com pressa em sair dali para me livrar logo daquela sensação ameaçadora, sombria, solitária e lotada. Eu me perguntava se o mesmo acontecia com a maioria dos outros motoristas, talvez sem que percebessem. Eu me perguntava: não seria isso uma amostra representativa de como todos nós nos sentimos, não só em relação à rodovia, mas à nossa vida atual como um todo? A apatia generalizada diante da poluição não seria uma demonstração de que há algo tão insatisfatório na qualidade de vida humana que reagimos, essencialmente, como se nossas vidas valessem tão pouco a ponto de não valer a pena lutar para salvá-las?

Há alguns minutos, eu sugeria que a poluição ambiental tende a nos impedir de perceber a profundidade de nossa depressão emocional; em vez de nos sentirmos isolados no interior dessa depressão, sentimo-nos em sintonia com os demais em um mundo "realisticamente" condenado. A poluição não só impede que os descendentes que inconscientemente odiamos e invejamos tenham um futuro melhor, mas também serve para obscurecer um passado que inconscientemente resistimos a recordar com clareza pungente. Equiparamos o mundo idealizado de nossa infância irremediavelmente perdida a um ambiente não poluído.

Tendemos a presumir erroneamente que nada pode ser feito quanto à poluição do ambiente atual devido a nosso desespero profundo pelo reconhecimento de que não podemos recuperar o mundo de nossa infância, e ao sentirmos, além disso, que estamos retrospectivamente idealizando os aspectos de privação e dor daquela época. A poluição serve para manter em nós a ilusão de que uma infância ideal e intocada ainda existe e que ainda é possível alcançá-la, bastando que nos esforcemos para eliminar o que a estraga e obscurece. Nesse sentido, os poluentes representam, inconscientemente, resquícios do passado aos quais nos apegamos, distorções de transferência que permeiam nosso ambiente presente, protegendo-nos da pungência das perdas passadas, mas, ao mesmo tempo, impedindo-nos de viver plenamente a realidade atual. Podemos sentir não que perdemos o mundo da nossa infância, mas que, de forma onipotente, o corrompemos e escolhemos continuar a estragá-lo cada vez mais, por meio de nossa poluição.

Na vida urbana atual, não existe o tecido estreito de relações interpessoais, que perdura por décadas, capaz de nos permitir enfrentar e aceitar as perdas inerentes à vida humana – as envolvidas no crescimento e afastamento dos filhos, no envelhecimento e morte dos pais, na consciência do inevitável envelhecimento e morte do cônjuge e de nós mesmos. Um mundo superpovoado e dominado pela tecnologia trouxe consigo uma capacidade tão reduzida de lidar com as perdas que uma vida verdadeiramente humana acarreta, que somos cada vez mais levados a poluir nosso planeta a ponto de garantir que, essencialmente, não tenhamos nada a perder em nossa morte.

A posição paranoica

Em uma monografia de 1960, discuti a unidade subjetiva do bebê com o ambiente não humano (Searles, 1960), as múltiplas funções que esse ambiente desempenha em vários estágios do desenvolvimento normal do ego e as distorções que se encontram, a este respeito, nas histórias e no funcionamento atual do ego de pacientes esquizofrênicos. Em 1961, descrevi a esquizofrenia como um mecanismo que serve para

proteger o indivíduo afetado do reconhecimento da inevitabilidade da morte (Searles, 1961).

Durante vários anos, passei um longo dia por mês trabalhando como consultor no Instituto Psiquiátrico do Estado de Nova York, na cidade de Nova York. Certa noite, há cerca de um ano, enquanto voltava de táxi pela Ponte Triboro, a caminho de LaGuardia para pegar o voo de volta a Washington, fui tomado por um impulso incontrolável de pular do táxi e me atirar da ponte. Tais impulsos não me são estranhos, pois sofro de fobia de altura desde a infância. Mas o impulso, dessa vez, foi particularmente poderoso, e o fator determinante que consegui então vislumbrar a respeito desse sintoma tenaz e multifacetado foi particularmente memorável, humilhante e útil para mim. Senti que tinha de me destruir porque simplesmente não conseguia enfrentar o regresso à minha vida normal em Washington, e a razão pela qual achava isso intolerável era que me sentia tão envergonhado e desesperadamente incapaz de "simplesmente" encarar o fim da minha vida, o envelhecimento e a morte, a coisa mais comum, a mais corriqueira, assim pensavam meus pensamentos de pânico, como acontece com quase todas as pessoas – todas, isto é, exceto aquelas que cometem suicídio ou se refugiam na psicose crônica.

Por mais singular que seja o padrão de determinantes – próprio da minha história de vida individual – que dá origem ao meu impulso onipotente específico de destruir minha própria vida, em vez de me render a perdê-la aos poucos pelo viver, pelo envelhecer e pelo morrer, insisto que esse impulso não é de todo alheio ao que se passa com meus semelhantes em geral: estou convencido de que cada um de nós, à sua maneira, precisa lidar com alguma reação igualmente irracional e onipotente diante da perda inevitável.

Postulo que uma relação ecologicamente saudável com nosso ambiente não humano é essencial para o desenvolvimento e manutenção do nosso senso de humanidade e que tal relação se tornou tão minada, perturbada e distorcida, concomitantemente à deterioração ecológica, que se torna extremamente difícil para nós integrar as experiências emocionais, inclusive as perdas inescapáveis a qualquer vivência humana plena. Ao longo das últimas décadas, passamos de habitar um

mundo exterior em que as obras vivas da natureza predominavam ou estavam ao nosso alcance, para viver num ambiente dominado por uma tecnologia prodigiosamente poderosa e, no entanto, morta, inanimada. Sugiro que, nesse processo, passamos de estar subjetivamente diferenciados do mundo exterior e em significativo parentesco com ele, para nos vermos diante de um mundo – dominado pela tecnologia – tão estranho, complexo, impressionante e avassalador que só conseguimos lidar com ele regredindo, em nossa experiência inconsciente, em grande parte a um estado degradado de não diferenciação. Sugiro, assim, que essa realidade "externa" é psicologicamente tão parte de nós quanto seus resíduos tóxicos são parte de nosso ser físico.

A proliferação da tecnologia, com sua integração maravilhosamente complexa e seu domínio aparentemente onipotente sobre a natureza, oferece-nos um objeto cada vez mais sedutor no qual projetar nossas aspirações inconscientes "não humanas" por onipotência; portanto, tendemos cada vez mais a nos identificar, inconscientemente, com isso. Concomitantemente, os componentes mais "simplesmente humanos" e baseados na natureza animal de nosso ser tornam-se cada vez mais empobrecidos (em razão de fatores como a superpopulação, a turbulência impessoal e forçada de viver em uma sociedade dominada pela tecnologia, a ênfase no consumo de produtos materiais e assim por diante), cada vez menos capazes de integrar nossos componentes "não humanos". De forma mais abrangente, tornamo-nos mais e mais incapazes de vivenciar conscientemente, como um conflito emocional interno, a guerra entre os aspectos "humanos" e "não humanos" (autísticos, baseados na onipotência) de nosso self; projetamos, pois, esse conflito, e assim inconscientemente fomentamos, na realidade externa – a guerra entre os remanescentes sitiados da natureza ecologicamente equilibrada e a tecnologia humana que os está devastando.

Muitos aspectos do mundo ecologicamente deteriorado em que vivemos fomentam em nós, em nível em grande parte inconsciente, o modo de experiência observado de forma muito cristalizada na esquizofrenia paranoide, e postulado como característico dos momentos de maior desamparo da infância normal, antes do estabelecimento de um

senso duradouro de individualidade. O mundo pervasiva e progressivamente poluído em que vivemos, onde, como disse uma pessoa preocupada, quase sem exagero, "tudo o que respiramos, comemos e bebemos vai nos matar", é vivido como nosso inimigo onipresente. Isso tende a nos paralisar numa inação aterrorizada, ainda mais porque, nesse modo de experiência profundamente regredido, não estamos bem diferenciados do ambiente; portanto, não temos um eu claramente separado com o qual travar uma luta contra a ameaça "externa".

Nesse nível primitivo de funcionamento do ego, não há qualquer diferenciação entre uma mãe boa e uma mãe má. Não se deve presumir que, mesmo em um nível consciente, tenhamos nos habituado a considerar a natureza equivalente a uma boa mãe, agora em conflito com a tecnologia como uma má mãe. A natureza tem sido frequentemente uma mãe má para os seres humanos, muitas vezes tornada hospitaleira somente pelo trabalho de nossa boa mãe, a tecnologia. Agora nos dizem que nossa boa mãe está nos envenenando e que, se não a contivermos e devolvermos a natureza ao seu estado desimpedido, estaremos perdidos. Adoramos a tecnologia, e nosso produto nacional bruto anual, que epitomiza seu crescimento, como uma espécie de deus, e agora, confusos, concluímos que devemos matar de fome esse deus para nos salvarmos.

Um aspecto central dessa ameaça "paranoide" e realista reside em nossa antecipação sempre presente, mesmo oscilando entre a consciência e a inconsciência, de que todos nós possamos morrer, em questão de horas ou até menos, em decorrência de uma guerra nuclear não declarada. Como James Reston afirmou recentemente:

> A bomba e o míssil deram ao Presidente um poder sem precedentes na história das nações e desequilibraram a balança no sistema federal americano em detrimento do Congresso, pois a nação poderia ser destruída antes mesmo que o Congresso pudesse sequer se reunir para debater uma declaração de guerra. (Reston, 1970)

A disseminação indiferenciada dessa ameaça evoca, no fundo de nós, a imobilidade congelada da criança cujo pai ou mãe – equivalentes

a entidades vagas e divinas como a bomba de hidrogênio ou o impressionante e poderoso complexo industrial-militar (Lens, 1970) – a ameaçou cronicamente com violência.

O caráter secreto, a sutileza dessas ameaças as tornam completamente semelhantes àquelas que afligem o paciente que sofre de esquizofrenia paranoide. Somos informados de que, sem nos darmos conta, ingerimos toda sorte de venenos, muitos conhecidos e outros tantos presumivelmente ainda desconhecidos. Os conhecidos incluem – para citar apenas alguns poucos – chumbo (do qual nosso corpo já carrega um terço de uma dose letal) (Cotton, 1970, p. 159) e mercúrio, DDT e resíduos radioativos.

Um fator extremamente importante é que, nesse nível de desdiferenciação do ego, projetamos, como faz o indivíduo abertamente esquizofrênico, nossa própria natureza assassina – nossa própria mal diferenciada e mal integrada tendência assassina generalizada, nascida de nosso terror, privação e frustração – sobre a bomba de hidrogênio, o complexo militar-industrial, a tecnologia e assim por diante. Além disso, porque tendemos a sentir que a morte súbita por guerra nuclear é uma ameaça totalmente fora do nosso controle, podemos preferir a morte mais lenta e controlável que a poluição oferece como a única alternativa aparente. Sabemos que a poluição é um processo para o qual contribuímos diariamente; é algo que, por menor que seja a nossa contribuição, sabemos que fazemos ativamente. Por outro lado, considerar esse lento estrangulamento como uma agonia inevitável é ansiar pelo alívio rápido que a guerra nuclear traria.

Em um nível inconsciente, nos identificamos fortemente com o que percebemos como tecnologia onipotente e imortal como uma defesa contra sentimentos intoleráveis de insignificância, privação, culpa, medo da morte e assim por diante. Diz-se que, realisticamente, "quando se trata de salvar o meio ambiente, o indivíduo é quase impotente" (Cotton, 1970, prefácio). Visto que o objetivo construtivo de salvar o mundo só pode ser alcançado trabalhando-se como um indivíduo em grande parte anônimo entre incontáveis milhões, em coordenação consciente com outros cidadãos, é mais sedutor entregar-se a fantasias

secretas de destrutividade onipotente, identificando-se com as forças que ameaçam destruir o mundo. Isso serve para proteger o indivíduo do reconhecimento de seus próprios impulsos assassinos carregados de culpa, vivenciados como internos, que o levam a destruir seu próprio mundo intrapessoal e interpessoal. Nossa identificação grandiosa com a tecnologia é reforçada pelas estatísticas que nos informam que nossos automóveis, coletivamente, causam até 80% da poluição do ar (Cotton, 1970, p. 159); que nossa produção de resíduos aumenta muito mais rápido do que o crescimento populacional e dobrará em menos de oito anos (Cotton, 1970, p. 205); e que, como mencionei anteriormente, nós, nos Estados Unidos, consumimos uma quantidade vastamente desproporcional de matérias-primas da Terra.

Na infância, uma onipotência fantasiosa nos protegia contra a intensidade total de nossos sentimentos de privação, e agora é perigosamente fácil identificarmo-nos com a tecnologia aparentemente ilimitada e não lidar com a escassez ameaçadora da vida de ar, comida e água utilizáveis em nosso planeta. Ao nos identificarmos com a rica diversidade e maravilhosa integração da tecnologia, protegemo-nos de sentir a extensão total da privação, do empobrecimento de nossas vidas humanas. O bacteriologista René Dubos, ganhador do Prêmio Nobel, afirma: "Sistemas ecológicos podem desenvolver tolerância a poluentes, mas nesse processo tendem a perder sua rica complexidade e estabilidade" (Cotton, 1970, p. 206). Isso é verdade, acredito, também para a vida psíquica dos seres humanos.

Para a maioria de nós, a religião oferece pouca esperança de imortalidade para nos defender contra o medo da morte, e sentimo--nos pouco seguros de que entes queridos estarão lá para compartilhar nossas dores ou de que viveremos nas memórias de nossos sobreviventes; sentimos pouco contato com os descendentes que nos sobreviverão. Nossa frustração ao sabermos que somos meramente mortais é enormemente intensificada pela consciência de que criamos uma tecnologia que, aparentemente onipotente e imortal, não estendeu nossa própria expectativa de vida muito além dos setenta anos bíblicos. Assim, identificamo-nos inconscientemente com essa tecnologia que, por ser

inanimada, não pode morrer. Encontramos segurança no fato de que, em sua versatilidade devoradora, ela se tornou cada vez mais poderosa à medida que passou de se alimentar de carvão, cujas reservas estão agora praticamente esgotadas, para o petróleo, cujas reservas se espera que se esgotem em cerca de mais trinta anos (Cotton, 1970, pp. 10-11) e para o urânio. Encontramos motivos para esperar que, antes que as reservas limitadas de urânio se esgotem, a energia atômica ou algum poder ainda mais mágico permita que a tecnologia imortal deixe este planeta devastado para trás, rumo a lares interplanetários ilimitados, e alimentamos secretamente a esperança de que estaremos entre os poucos que ela levará consigo. Neste reino de fantasia onipotente, de fato, a mãe terra equivale à totalidade da realidade, um fardo e um entrave a nossos anseios de onipotência irrestrita, e desejamos nos livrar dela.

A onipotência, contudo, não é algo que os seres humanos almejem incondicionalmente. Em um artigo recente sobre minha análise de um homem que apresentava um transtorno de pensamento limítrofe (Searles, 1969), apresentei alguns exemplos de dados que demonstravam não apenas seu esforço para a realização de sua onipotência fantasiosa, mas também seu medo de que esta não se concretizasse plenamente e ele fosse, portanto, desqualificado para compartilhar o amor humano. Pode não ser mera coincidência que nosso mundo esteja hoje ameaçado de extinção pela poluição ambiental, à qual somos tão surpreendentemente apáticos, justo quando parecemos estar prestes a romper tecnologicamente as correntes que sempre prenderam nossa raça a este planeta de origem. Embora reconheça que essa coincidência possa ser plenamente explicada apenas pelo atual estágio de desenvolvimento tecnológico, suspeito que estremecemos coletivamente com o receio de que nossas fantasias infantis de onipotência se concretizem plenamente, levando a espécie humana a vir a se tornar interplanetária e deixar de ser, por conseguinte, o ser humano tal como o conhecemos, inseparável da Terra. Conjeturo que somos fortemente atraídos a poluir nosso planeta de modo suicida para garantir que morreremos nele como seres humanos, em vez de existirmos em outro lugar como – conforme tendemos a supor de forma distorcida – deuses ou robôs, por exemplo.

Projetamos sobre este mundo ecologicamente deteriorado as intensidades mais profundas de todos os nossos conflitos emocionais internos potenciais – incluindo, como mencionei anteriormente, o conflito entre os componentes subjetivamente humanos e os subjetivamente não humanos de nós mesmos – e uma vez que o conflito é a essência da vida humana, projetamos, nesse mesmo processo, em grande parte, nossa vitalidade. Thomas Wolfe estava, creio eu, projetando sobre o mundo sua vitalidade interior quando escreveu em seus cadernos sobre sua luta para encontrar seu lugar no mundo: "O que será, no fim, eu não sei, mas devo construir, a partir do caos, uma vida interior forte e suficiente; caso contrário, serei despedaçado no turbilhão do mundo" (Wolfe, 1969, pp. 102-103). Reagir com apatia ao nosso atual mundo "real, exterior", assolado pela poluição, é, a meu ver, equivalente a defender-se inconscientemente da experiência de se tornar um self humano individual, um self que, pela própria natureza da vida humana, deve conter um turbilhão de conflitos emocionais, por vezes tão caóticos que ameaçam seu próprio desmembramento.

O tempo não me permite incluir aqui os dados necessariamente detalhados de meu trabalho com pessoas deprimidas ou esquizofrênicas, que forneceriam, ao menos, alguma documentação clínica para essas especulações. Em meus registros, há evidências clínicas relativamente sólidas que indicam, por exemplo, (a) pacientes que se identificam com o *smog*[9] mortal; (b) a transferência tipicamente paranoide dos pacientes sobre mim como a personificação de seu eu infantil indesejado, tratado na família parental como a fonte essencialmente não humana de toda a malevolência sutil e onipresente, que de fato poluía a atmosfera familiar idealizada; e (c) a ligação entre os componentes subjetivamente não humanos dos pacientes e o autismo de seus pais – tais pacientes odeiam o que para nós é a realidade, porque para viver nessa realidade teriam de renunciar ao anseio de se identificar plenamente com a suposta

9 N. T. O termo smog, que não recebeu tradução para a língua portuguesa, origina-se da junção das palavras inglesas smoke + fog, que significam, respectivamente, fumaça e neblina (ou nevoeiro) (*Química ambiental,* Frota, E. B. & Vasconcelos, N. M. S., 2019. EdUECE.

onipotência do autismo parental. Minha monografia mencionada anteriormente sobre o ambiente não humano está repleta de dados clínicos detalhados relevantes para este assunto.

Vivemos hoje numa época em que precisamos salvar o mundo real, ou o usaremos como o instrumento para destruir a todos nós. Creio que o maior perigo não reside na bomba de hidrogênio em si, nem no efeito letal mais lento da poluição proveniente da nossa tecnologia global. O maior perigo reside no fato de o mundo se encontrar em tal estado que evoca nossas ansiedades mais arcaicas e, ao mesmo tempo, oferece a "promessa" delirante – a promessa, na verdade, mortal – de aplacar essas ansiedades, apagando-as por meio da plena externalização e reificação de nossos conflitos mais primitivos que produzem tais ansiedades. No impulso que nos atrai para nos tornarmos onipotentemente livres do conflito humano, corremos o risco de provocar nossa própria extinção.

Se você encontrou algo de minimamente pertinente em minhas diversas observações neste esforço inicial e elementar, então estabeleci meu ponto inicial – a saber, que nós, psicanalistas, devemos dar uma contribuição real, juntamente com nossos colegas de outros campos da ciência, para o enfrentamento da crise ecológica.

Notas

Gail L. Baker, da Universidade George Washington, em seu artigo ainda inédito "Poluição Ambiental e Saúde Mental", que chegou às minhas mãos em 28 de agosto de 1970, após a redação do primeiro rascunho, inclui uma revisão minuciosa da escassa literatura sobre esse tema produzida por cientistas comportamentais, incluindo psiquiatras não analíticos. Minha revisão da literatura psicanalítica dos últimos anos não revelou nenhum artigo sobre o tema, mas em abril de 1969 assisti a uma palestra informal do psicanalista Peter A. Martin, posteriormente publicada em junho de 1970, intitulada "O fim do 'nosso' mundo". Nela, ele faz os seguintes comentários, antes de passar ao seu tema principal (que não é relevante para o presente artigo):

> Os psiquiatras estão familiarizados com a fantasia, comum nos estágios iniciais da esquizofrenia, de que o mundo está acabando… Na segunda metade deste século, a presença real desse potencial destrutivo faz com que as fantasias "psicóticas" de fim do mundo não sejam tão obviamente desconectadas da realidade.
>
> A preocupação com a destruição do mundo é um tema comum na mídia. Nessas apresentações, ouvimos duas teorias populares sobre como o mundo acabará. Uma é a teoria do "Big Bang"; o estrondo das explosões nucleares anunciará o fim do mundo. Essas forças podem ser consideradas extensões tecnológicas, na realidade, dos impulsos destrutivos do id. A segunda teoria sustenta que o mundo acabará silenciosamente; as previsões de superpopulação levando à fome, poluição e um ambiente inabitável podem ser entendidas como originárias de duas fontes dentro do ser humano. Uma fonte pode ser o impulso extremo do id em direção à passividade, que resiste ao óbvio chamado à ação para preservar a espécie. Para aqueles que acreditam na controversa teoria do instinto de morte, essa inatividade irracional poderia ser explicada dessa maneira. A outra fonte pode ser a passividade ou a impotência do ego diante de sinais de perigo que exigem a preservação do eu.

O preâmbulo acima serve para mostrar o que o artigo não aborda. Martin, a seguir, desenvolve o tema de seu trabalho, ou seja, o aparente fim de uma era de formação e prática em psiquiatria na qual os jovens psiquiatras são imbuídos do conjunto de valores profissionais aos quais nós, psiquiatras de meia-idade, temos nos dedicado. "Em resumo", diz ele, "o grupo de psiquiatras, referido como 'nosso grupo', está testemunhando o fim de seu mundo".

Apesar da óbvia relevância para o meu artigo de algumas das observações que citei, coloquei-as nesta nota de rodapé porque, em geral, a natureza do seu artigo é tal que confunde o desenvolvimento das minhas próprias observações.

Referências

Carson, R. (1962). *Silent spring*. Fawcett World Library.

Cotton, S. (Ed.). (1970). *Earth Day: The beginning – A guide for survival*. Arno Press; Bantam Books.

Curtis, R. & Hogan, E. (1970). *Perils of the peaceful atom: The myth of safe nuclear power plants*. Ballantine Books.

Ehrlich, P. R. (1968). *The population bomb*. Ballantine Books.

Freud, S. (1961). *The ego and the id*. In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 19). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1923)

Hinsie, L. E. & Campbell, R. J. (1970). *Psychiatric dictionary* (4th ed.). Oxford University Press.

Klein, M., Heimann, P. & Money-Kyrle, R. (Eds.). (1955). *New directions in psychoanalysis*. Basic Books.

Lens, S. (1970). *The military-industrial complex*. Pilgrim Press.

Martin, P. A. (1970). The end of "our" world. *Psychiatry Digest*.

Marx, W. (1967). *The frail ocean*. Ballantine Books.

Reston, J. (1970, 24 de maio). Editorial article. *The New York Times*.

Searles, H. F. (1960). *The nonhuman environment in normal development and in schizophrenia*. International Universities Press.

Searles, H. F. (1961). Schizophrenia and the inevitability of death. *Psychiatric Quarterly, 35*, 631-655.

Searles, H. F. (1969). A case of borderline thought disorder. *International Journal of Psychoanalysis, 50*, 655-664.

Wolfe, T. (1969). *The notebooks of Thomas Wolfe*. University of North Carolina Press.

Wurster, C. F., Jr. (1968). DDT reduces photosynthesis by marine phytoplankton. *Science, 159*, 1474-1475.

Tradução de Maria Luiza de Araújo Gastal[10]
malugastal@gmail.com

DOI: 10.67671/alter.2026.14

© Autorizado por Guilford Press para tradução e publicação em português neste número da *Alter*.

© Alter, 2026. Copyright da tradução. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia por escrito da editoria.

10 Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb).